

Variações do amigo Banana, amador de estudos historicos, sobre Inquisição e Humanismo; divulgadas para entretem dos ociosos por um seu familiar indiscreto, e tambem amador dos ditos estudos.

— E' verdade, meu caro: *Damião de Goes e a Inquisição*. E' o que leio agora. A historia, como você sabe, é o meu fraco. E não ha caso de maior valor simbólico na nossa historia do que é este.

— Como assim? exclamei eu.

— Olhe: considere as duas nações peninsulares ante o desenvolvimento da civilização na Europa: que é que o impressiona sobretudo? A mim, é o que chamarei a obra inquisitorial, o isolamento, a homogenização, a purificação sistemática dos dois corpos sociaes. Manter a nossa alma limpa de todo o contacto com o hereje; jejuar, e jejuar até á anemia e até á morte, para que ás visceras nos não chegasse uma célula sequer de carne impura — eis o ideal a que durante seculos os dois povos eleitos se consagraram. E conseguiram-no, caramba! Quanto a mim, levo as mãos ao fogo pelas duas sacerdotisas da Iberia. Nem um só Leandro pôs a sua planta no templo-jardim á beira-mar plantado; nem um sacrílego surrateiro se ensinou nos Pirinéus... Minto. Houve tentativas. Tentativas frustradas. Não se chegou a cometer peccado. Foram esses os únicos momentos em que sinais de vida lucilaram na nossa álgida catacumba... Querem que sejamos Portuguezes. Pois não é certo que o somos de mais, furiosamente, até aos tutanos? Fomos das gentes europeias nos tempos de Sá de Miranda e dos Gouveias, de Damião de Goes e Pedro Nunes. Veio depois a Purificação. Para além do Torrão de Assucar grunhia uma chusma incongruente de Barbaros e de Herejes. Era a Terra Tenebrosa. Mandavamos lá, por necessidade, embaixadores, — como outrauora ao mar Tenebroso voluntariamente as caravelas. D. Luiz da Cunha e o Marquez poluiram-se com o Demo: — e logo a Purificação acudiu, refinou o Assucar. Herculano e Garrett foram novos mafarricos, — alemães, ingleses, o diabo! Caiu de novo a refinação, — purificação natural, espontanea, por inércia hereditaria. A berrata de 65 foi um arranco contra ela. Os de Coimbra davam a mão a Garrett e Herculano, por sobre a cabeça de Castilho. O que havia

de fecundo nessa geração morreu cedo; um ou outro investigador de merito deixou-se desanimar e encolheu os ombros, — e do movimento ficou na brecha, para o trair, Frei Bernardo de Brito ressuscitado, guarda-chuva em punho, cantando vitória com estrofes do Comte condensado pela miss Martineau. Com seu *chauvinismo*, seus odios, sua inópia absoluta de probidade scientifica e de senso critico, Frei Bernardo foi afinal um purista, — como Castilho, o Intendente e a Piedosa. Reuno estes nomes pelo significado historico, e sem desdenhar de forma alguma o admirável escriptor que Castilho foi. A cultura europeia não deu ainda cutilada funda no espirito hereditario da nossa estirpe, — apesar das ilusões a que nos propende uma superficial imitação de formas politicas e literarias. Essa ilusão faz com que altos espiritos deem ainda á tradição inquisitorial o prestigio do seu talento e do seu caracter. Pregar agora a identificação com a Raça. Como? Primeiro metodo: ir ao povo, estudar o povo. Muito bem. Mas em primeiro logar, quem lhes ensinou esse estudar do povo, essa filologia, esse folklore? O proprio povo? O Bernardim? O D. Diniz? Não; não fazem mais do que meter-se numa corrente universal. E dirigidos pela cultura universal vão ao povo: e quando a ele se chegam, e lhe colhem as lendas, e as tradições, e os contos, e as descascam, e lhes tiram a polpa, e lhes quebram o caroço — que é que encontram? Encontram temas universais. Disse-me um dia um dos eruditos de que ha pouco lhe falei que deparara no Cartaxo, se bem me lembro, a antiga lenda da Medeia. E' sempre assim: no Cartaxo o mesmo que na Alemanha, na Grecia ou talvez na India. No mais intimo do nacional veem aparecer a cultura humana: recebem do povo nesse ponto a verdadeira lição do verdadeiro método.

Mas ha ainda outro modelo do puro genio nacional: o lusitano do passado. Ao Lusismo casa-se sempre naturalmente o Historismo, ou Defuntismo. Dorme pois na tumba dos antepassados o verdadeiro Português, o Português absoluto, o Português-Idéa. De que época?

Não sei bem. Em que idade somos nós a nossa pessoa absoluta? Aos 15, aos 20, aos 30, aos 50? E o Zé Povinho absoluto? Em que século viveu ele, o Zé Povinho absoluto?

Pelo que vejo, deverá ser o das conquistas. Ora esse lusitano das conquistas sabemos nós o que queria sêr: pretendia ser romano. Não acabámos pois de peregrinar nos séculos: encomendemos ao alfaiate a verdadeira tunica de Paulo Emilio...

— Pois sim, pois sim, facundo amigo; e a tradição?

— A tradição prestadia é a continuidade nos propositos, ou a manutenção de todas as formas que não abafam o espirito novo. A tradição é não deixar perder o que se ganhou, é o inconsciente utilíssimo porque permite avançar sem sobresaltos. Constroem-se casas portuguesas — nem de outras se deviam construir — com todos os recursos da tecnica de hoje. Mas o proprio espirito antigo, fruto de passadas condições? As proprias linhas de conduta, que a vida agora já transpôs? Velharias, meu amigo, velharias... Dentro das armaduras dos avós giram agora ratazanas: e se fosse possível, por desgraça, arripiar caminho, — era dar de esporas ao Rocinante, galopar com toda a alma até alcançar o presente vivo...

Não se julga porém assim. Diz-se ha muito que «sem uma larga renovação dos estudos historicos não se renovará tambem a consciencia nacional»; que «o novo ideal colectivo deverá mergulhar as raizes no passado». O seu amigo Barbiruivo, director da *Vida Portuguesa* deu a essas teses historistas um contrapeso magnifico. Mas ha entusiastas que as proclamam sem contrapeso de especie alguma...

Antes de tudo, e para falar conselheiralmente, acentuemos esta nota: ha mister admirar, ajudar, venerar os historiadores, e apreciar a historiografia, como a astronomia e a matemática. Mas reconheçamos tambem que a Torre do Tombo, como o Observatorio da Tapada, não é precisamente a bôtica para as maleitas nacionais. E' defender os historiadores não lhes desviar as funções, — desejando a historia como disciplina mental, como educadora das faculdades criticas, não como excitadora do progresso ou inspiradora da politica. Muito bela sciencia é a historia, e de muitissimas virtudes, para que necessite de se arrogar as virtudes que tem. Em reforço desta idea poderia citar historiadores.

Mas não cito. Procure-os você em casa, se quiser. Veja antes que a historia é um soberbo clarim—a historia-sermão, a historia-pretexão, —para chamar á independencia uma nação sujeita, ou á unidade uma nação dispersa. Mas a vitalidade é outra cousa. Uma vez unificadas, mostraram diferente vitalidade a Italia e a Alemanha; e se esta em grande parte deveu a unidade aos historiadores, não direi da prosperidade que lha deve a eles também. Nós somos independentes e unificados, do Algarve a Trás-os-Montes, e portanto, dado o ponto em que ora estamos, creio que como necessidade immediata mais nos valerá quem queira e saiba, pelos processos mais modernos, agricultar um campo, ensinar o a b c, meter sardinhas de conserva ou fabricar rolhas na perfeição, do que uma duzia de leitores assíduos, como eu sou, do *Archeólogo Português*. A sciencia historica é novidade, mas grandes povos houve-os sempre,—deslumbrantes, poderosas civilizações, que não esperaram a crítica do testemunho para se afirmar á luz do dia. O crime—creia—é sermos historicos. E a vida não perdôa aos historicos, sabe você, caro amigo? Todo o estrangeiro forma de nós a mesma opinião que o Dr. Topsis: um Rapôsão bacharel que se pavoneia enfundado e teso, trazendo um embrolhinho de papel pardo com os ossos de seus avós. Pousemos um pouco o embrolhinho: ninguem como eu venera o osso, porque ninguem como eu o quer em paz.

—Mas a idea ao menos não é nociva...

—Talvez seja. A esperar os borgeguins dos nossos Defuntos,—que Deus tenha—passamos descalços toda a vida. Emquanto esmolamos da historia, que nos não dá, deixamos de pedir a quem nós dá.

—Mas a exaltação do sentimento pátrio; a da alma da comunidade?

—Tem ahi razão o Barbiruivo, —mas que vem ao caso o estudo historico? Nesse campo de batalha do sentimento, com dois tropos de retórica você varre num sarilho—co'a breca!—todos os batalhões cerrados da Numismática, da Archeologia, da Epigrafia, Numismá...

—Basta, basta, homem! Você tem impetos!

—São os impetos da Raça. Em 1385 não havia estudos historicos: conhecemos mais do Afonso Henriques do que os varões de Aljubarrota. Olhe, sabe você? Isto de viver por motivo historico é um luxo para gente rica: para nós

outros, por enquanto, basta-nos viver por querer viver. E agora aqui que ninguem nos ouve: se é para excitar o sentimento, não vale a pena endireitar a historia: quanto mais torta, melhor; digo-lhe isto: nossa ou alheia, quanto mais errada, mais patriótica.

O importante pois não é que «o novo ideal colectivo mergulhe as raizes no passado», o importante é que ele existe. «Primeiramente conquisto, explicava Frederico o Grande: sempre depois encontrarei quem demonstre os meus direitos.» Criemos nós um ideal presente, pelo estudo do presente: depois aparecerão historiadores a demonstrar-lhe o direito historico. O Portugal do seculo XVIII renovou os estudos historicos: pois nem por isso foi mais sólido; o Portugal do Mestre de Avis não renovou historicos nenhuns—e nem por isso foi menos belo. A admiração do defunto historico pode sêr até um embaraço. Foi a preocupação da historia que amordaçou a liga lombarda, e impediu os Italianos de pôr na rua os estrangeiros: tanto Guelfos como Gibelinos sacrificaram a realidade ao prestigio do antigo imperio. Quantas vêzes nós teimamos em realizar qualquer esquema e desprezamos as soluções que a vida atual nos põe diante!

Conferencias? Maravilhoso! Mas que urgencia essa de «despertar o interesse pelos estudos historicos?» Em trabalhos de propaganda bem pode a historia sêr um pretexto: o essencial a despertar seria o interesse pelos problemas de hoje, e o desejo de intervir esclarecidamente na causa pública: não abandonar a nação o seu destino aos seus Santos,—nem mesmo a S. Bento, hoje que S. Bento é o primeiro Santo de todas as côrtes celestiais.

Isto nas conferencias. Na escola é a historia uma disciplina scientifica,—e quando ensinada a valer, uma sublime desvanecedora de preconceitos e paixões tolas.

Mas vá ainda que se lhe peçam conselhos immediatos de utilidade prática: ao contrario da apologia que preconizam, sirva então para tirar a claro quais os erros do passado, como regra de hygiene contra futuras recaídas. Não temos a tradição e a disciplina do trabalho,—do trabalho honesto e passicurto. E' esse o maior cancro? Creio eu que sim. Que os veneráveis ossos dos Avós, por condições *históricas*—passadas, que se não repetem: lasciate ogni speranza!... —foram dispensados de trabalhar, —diversa cousa, e bem diversa, de

curtir perigos e tormentos. O Fenicio, o Italiano da Idade-media, o Inglês moderno, navegaram e espalharam pelo mundo os objectos da propria industria; nós fomos também navegadores, não para bem da nossa industria, que a não tínhamos, mas da do Italiano e do Flamengo. A Galinha dos Ovos de Ouro era nossa, que a desencantara o Gama.

E os Ovos? Viajavam da India para a Flandres, fazendo escala por Lisbôa. Emquanto nos Conventos e no Estado mamava a turba dos Mendigos, os Aventureiros e a Galinha sustinham o Estado e o Convento. Madama Inquisição, entretanto, purificava, unificava, luzitanava os luzitanos... Conta-se que Francisco Pizarro, antes de abalar para a Conquista, traçou com a espada gloriosa um grande risco sobre a terra... Um silencio de mêdo esganou os ares... «Por aqui se vá al Perú á ser ricos; por acá se vá á Panamá á ser pobres; escoja el que sea buen Castellano lo que más bien le estuviera!» Conhecia a psicologia dos povos, o Pizarro: melhor que muitos sabios hoje em dia. E o portuguecito? Estou que a psicologia era a mesma. A historia-apologia, entoada pela turba épica, tem fabricado portuguesinhos tesos; e quando o nosso teso sai da escola, como não ha Indias para pôr a saque, pede um emprego ao Senhor Ministro. E depois de despachado terá saudades dos gloriosos tempos,—e não irá á secretaria. Por aqui se vai ao Senhor Ministro e a faltar ao ponto; por ali se vai ao mundo e a ganhar a vida: escolha o que fôr bom portuguez «lo que más bien le estuviera.» E' este o letreiro do nosso Inferno,—uma Divina Comedia especial, com fogaréus danossa lavra...

Fomos ao rio de Meca,
Pelejámos e roubámos
E muito risco passámos...

Não foi no tempo das grandes descobertas que se descobriu este meio de ganhar o pão: «Si con moros lidiaremos no nos darán del pau.» Isto é do Cid Campeador. Como por aqui se está vendo, já vinha de longe o sistema: espremer o infiel. Quando o infiel escasseou em casa, buscámo-lo na India e no Perú. Depois da India, para nós, Portugueses, foi a Galinha do Brasil... E depois? Depois,—cantaste? trabalha agora.—Ah! meu santinho: e se o Aventureiro não aprende officio?—Que aprenda!—E com quem? Com o Avô defunto que o não teve? A ferra-

menta, que se chama educação e técnica, tem-na o vizinho vivo que a maneja, ainda que lhe custe ao Lusismo... Não me refiro ás ideias gerais, que se apanham no ar facilmente: refiro-me ás sciencias particulares, ás artes e officios particulares. A abstracção, a megalomania, a generalidade e a retórica filtram para nós até pura agua todo o bom leite que alimenta a Europa. No purismo, no isolamento, gera-se o individuo pedra dura: diamante, se quiser, mas pedra dura, mais estravagante que original, mais pitoresco e decorativo que interessante, boa peça de curiosidade para manuais de viajantes: uma coisa assim como Marrocos; mas não se desenvolve a personalidade, a qual cresce por acção e reacção, por expansão e experiencia, e á força de «frotter sa cervelle contre celle d'autrui», como dizia o Montaigne. Esse isolamento, que continua, apesar das farpelas exteriores; esse isolamento criado ha séculos por especificas condições inquisitoriais e económicas, e quasi absoluto na esfera de trabalho, das tecnicas, das sciencias, — não existiu porém, nem poderia existir, na esfera da politica. Ora é este ultimo isolamento que supõe a historia de Portugal que nos ensinaram nas escolas, — donde resulta ser ela um mosaico indecifrável, desconchavado, absurdo. A historia politica que nos impingem é obra mágica de alcapão: surgem actos — pau! — sem que se saiba como, nem por onde. Porquê? Porque teimamos em esquecer que a historia da Europa occidental forma um todo indecomponível, e que é uma vácuca fantasia a historia de Portugal separada, assim como a da Espanha, França, Italia, Alemanha ou Inglaterra. Como lhes não buscamos desta forma nem a causação externa nem as molas intimas sociaes, os actos e feitos dos antepassados são todos para nós inspirações poeticas, manifestações arrebatadas do lirismo ingenuo da Raça... Escreve o Lusismo a linda historia, e por sua vez a linda historia dá lindos argumentos ao Lusismo...

— Mas afinal, que quer você?

— Todos os cultos — necessarios e justissimos — para os grandes homens do passado: mas sobretudo que não desistamos por isso de ser uma nação europeia e actual, — contemporanea das contemporaneas, percebeu? Actual nos métodos, nas maneiras de proceder, e não nas teorias que declamamos. Eu bem sei que ha muita gente que visita a Europa, como quem já sabe, para fazer relatorios: prefe-

rira aprendizes, que regressassem dominando a realidade manejada, e não entrevista unicamente. Tudo com pouco legislar, sem recorrer ás Caldas da Imprensa Nacional, bica donde manaram até hoje as reformas da Patria. Só o homem tem valor como instrumento de reforma: quem colecciona regulamentos sabe tanto da realidade como você, coleccionador de estampilhas, conhece os paises donde elas são. É vicio nosso o ter fé em um remedio, um homem, uma lei: uns teem fé no D. Sebastião; o Fontes tinha fé nos caminhos de

ferro; outros têm fé nas letras, e outros ainda nos estudos historicos. Ora é preciso querer tudo, inclusivamente o D. Sebastião, — para redoma e num museu, claro está — mas principalmente trabalhinho educado e que seja, como o do hino, «virtude, riqueza e vigor». Todas as três coisas — permite você? — todas elas...

— Olha que grande novidade! Mas tudo isso já nós sabiamos!

— Ainda bem.

ANTONIO SERGIO.

QUESTÕES ECONÓMICAS

INDUSTRIA NACIONAL

Portugal necessita urgentemente de largas medidas de fomento.

Até aqui temos vivido a lamentarmos-nos, a confessar os nossos erros, a apontar as necessidades a que mais urge dar um prompto e efficaz remedio; a isso se tem reduzido a nossa acção

Necessario se torna que entremos abertamente n'um caminho de trabalho intenso e fecundo porque enquanto não fomentarmos a riqueza nacional não podemos resolver o nosso problema financeiro o que é inadiavel, procurar uma breve solução para que se não faça demasiado tarde. Mas como cobrir as nossas despezas sem a criação de novas fontes da receita? Positivamente essas fontes de receita tem de ser creadas pelo desenvolvimento da riqueza nacional e esta não se produz com lamentos, com a concepção de largos planos inexequíveis de momento, nem com projectos d'emprestimos sobre empréstimos que dia a dia cavam a ruina do paiz pela absorpção das receitas, absorpção que mais aggrava os problemas economico e financeiro

Precisamos de trabalhar, de agir intelligentemente se não quizermos ser eternamente uma nação escravizada ao estrangeiro pelo capital, que d'elle recebemos por intermedio do thesouro publico e para elle enviamos, em seguida, pelos cofres dos banqueiros em troca de cambias para pagamento dos seus productos que importamos, accrescido d'um juro que nos arruina por não ter compensação na riqueza produzida pelo mesmo capital durante o tempo que o retemos em nosso poder. A cada emprestimo contrahido deveria ter correspondido a criação de fonte de

receita para pagamento dos juros e amortisação. Tal não tem succedido e d'ahi o aggravamento constante do nosso problema financeiro que incide directamente sobre o problema economico n'um paiz que, necessita como o nosso, d'uma grande capitalisação, que não tem, para inicio de largos empreendimentos economicos. Mas porque assim tem succedido, não devemos deixar-nos arrastar por essa corrente funesta; antes devemos crear uma nova corrente absolutamente opposta e sufficientemente forte para a dominar. Essa corrente ha-de nascer do despertar da consciencia nacional para essa larga obra, profundamente patriótica, do nosso resurgimento, pelo augmento de riqueza nacional.

Precisamos iniciar os nossos trabalhos concretos após este longo periodo de laboração theorica que vimos d'atravessar.

E, proseguindo na ordem d'ideias que motivaram o nosso artigo intitulado *Portugal agricola e industrial* publicado no n.º 3 de *A Vida Portuguesa*, para a industria faremos incidir a nossa attenção pelas conclusões a que pretendemos chegar no citado artigo.

No artigo «A industria vidreira em Portugal» publicado no n.º 1 deste quinzenario, citavamos os males e remedios que a Associação Industrial Portuense apontou na these que relatou no Grande Congresso Nacional de Lisboa em 1910. São já volvidos perto de 3 annos e não nos consta que ao Estado merecessem a attenção dum concreto esforço os remedios apontados. Não se effectivou a lei das sobre-taxas; não se reorganizou o ensino profissional e technico; sem essa effectivação aduaneira e essa reorga-